

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F50	--
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Comunidade <i>Mbyá</i> -Guarani em São Miguel Arcanjo
LOCALIDADE	São Miguel das Missões
MUNICÍPIO / UF	São Miguel das Missões/RS

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Parque Arqueológico de São Miguel Arcanjo
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Sítio Arqueológico, Parque das Missões
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA

3. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

162 – Fogo de chão casa de passagem 181 – Criança e artesanato 512 – Juancito e Adolfo nas ruínas 544 – <i>Karaí Mbyá</i> no Sítio Arqueológico
--

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS
O Parque Arqueológico de São Miguel Arcanjo é composto de uma área de proteção Federal com 28 hectares cercados por tela, rondada por outra periférica de uso controlado, contendo remanescentes físicos sob o solo e nas estruturas arquitetônicas da antiga Redução Jesuítico-Guarani fundada no lugar em 1687 e tornada Patrimônio Cultural da Humanidade em 1983 pela UNESCO. O Parque abriga a paisagem em que se distribuem o verde da vegetação e as paredes de pedra das antigas estruturas principais do povoado que compunham a igreja, o colégio, o cemitério, as oficinas e o cotiguaçu (moradia das viúvas e órfãos).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--
--	----	----	----	----	------------	----

Em frente à igreja, do outro lado da antiga praça, existe um prédio construído mais recentemente a partir do projeto do arquiteto Lúcio Costa, que abriga as dependências do Museu das Missões e sua exposição de arte sacra. Este prédio é todo circundado por alpendre ao estilo da casa dos índios do antigo povoado, situado a meio caminho entre a entrada de visitantes ao Sítio e as ruínas da igreja. O Parque recebe manutenção continuada, com equipe de trabalhadores dedicados ao controle da vegetação e especializados nas tarefas de restauração e proteção dos remanescentes físicos missionários, incluindo atuação em outros sítios e centros de restauro.

O local foi construído e habitado pelos Guarani até a segunda metade do século XVIII, sendo abandonado depois que os portugueses conquistaram a região na aurora do século XIX. As ruínas foram tomadas de mato e ficaram à margem do latifúndio, até que se iniciaram os trabalhos de preservação e de seu reconhecimento como patrimônio pelo Estado do Rio Grande do Sul na década 1930. Em 1938 os remanescentes do antigo povoado de São Miguel é tombado pelo IPHAN como patrimônio nacional com inscrição de número 063 no Livro de Belas Artes. Depois da década de 1960 o IPHAN estabeleceu sede local e se realizaram projetos de documentação, proteção e valorização deste legado missionário em São Miguel. Há um grande acúmulo de trabalho técnico especializado investido, o que explica sua transformação e reconhecimento enquanto Patrimônio da Humanidade.

O Parque de São Miguel recebe milhares de visitantes por ano, que chegam na cidade e circulam pelo sítio reconhecendo os vestígios do passado missionário, até que se deparam com a presença dos artesãos *Mbyá*-Guarani expondo suas peças para venda no chão do alpendre do Museu. Aos visitantes ilustres e em datas especiais o grupo de canto e de dança dos *Mbyá* faz apresentação de suas músicas e pousam para fotografias junto às ruínas.

A circulação dos *Mbyá* dentro da área do parque é tolerada pela segurança, inclusive deixando livre dois vãos abertos na tela da cerca que circunda o sítio, permitindo que eles entrem e saiam a qualquer hora. Em 2005, foi construído um prédio no canto extremo da área cercada, ao fundo do sítio, que hoje serve de casa de passagem às famílias *Mbyá* que ficam na cidade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES

--

--

--

--

F50

--

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O Parque é delimitado por uma cerca de moirões de concreto que sustentam tela de dois metros de altura em toda sua periferia. No centro da área cercada, surgem os remanescentes das paredes dos prédios da igreja, do conjunto da ala do colégio e dos dormitórios dos padres, da ala das oficinas, do cemitério e do cotiguaçu. Estas estruturas foram construídas alinhadas numa das faces da praça central, tendo suas outras três faces delimitadas pelas casas alpendradas dos índios. Todo o conjunto reproduz o xadrez aplicado nos Trinta Povos da Província Jesuítica, tendo a praça como centro em torno da qual se dispõe o plano urbano. O subsolo é rico em informações, contendo as fundações e bases das paredes das casas dos índios, algo reconhecido apenas pelas ondulações na superfície do terreno.

As paredes da igreja de São Miguel são marco de reconhecimento internacional. As sombras de seus arcos centrais são captadas com nitidez pela imagem de satélite disponível no Google Earth. As pedras da face externa de sua parede frontal foram desenhadas uma a uma. Metade da torre foi desmontada e remontada, assim como estabilizadas todas as fundações instáveis e preenchidos todos os vazios entre as pedras com argamassa de vedação. Todas as brechas foram recobertas para impedir a infiltração da água da chuva no meio das paredes. O telhado da sacristia velha foi reconstruído e dentro dela foi preparado uma sala de projeções audiovisuais, com a exposição de uma maquete do plano urbano do antigo povoado. A imagem da fachada da igreja é símbolo fartamente reproduzido na mídia televisiva, repercutindo seu conhecimento como Patrimônio Cultural enquanto palco diário do show de som e luz e de apresentações como as da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA).

O IPHAN dispõe de farta documentação sobre os marcos edificadas no Parque de São Miguel, onde estão registradas informações sobre a história de intervenção em todas as suas áreas e documentada a localização exata de cada parede em plano altimétrico. Ao lado da igreja, o cemitério foi desocupado das sepulturas mais recentes e seu solo nivelado. O interior da igreja também foi nivelado e os sedimentos removidos para o desnível em direção à quinta. Os pátios foram escavados e alguns dos cômodos tiveram seus pisos colocados à mostra. Todas essas foram intervenções que permitiram dar ambiência ao trânsito de visitantes, montando a atual paisagem do sítio.

No outro lado da praça, o prédio do Museu das Missões é composto por três salas conjugadas de exposição, todas circuladas por um mesmo alpendre, ao lado de outro conjunto de salas onde funciona a administração e a reserva técnica da instituição. Este módulo é situado na continuidade do percurso de quem chega no sítio através da portaria, que funciona em outro prédio localizado no alinhamento da cerca lateral oeste, que limita a área de proteção junto ao estacionamento destinado aos visitantes. O prédio da portaria é composto por bilheteria e banheiros, além de possuir alpendres em ambos os lados.

Importante referir ainda o trailer colocado atrás do muro imediatamente a leste da torre da igreja, que contém o equipamento utilizado para fazer rodar o Espetáculo de Som e Luz todas as noites dentro do Parque. Deste compartimento saem centenas de fios que conduzem eletricidade e sinais às dezenas de luzes distribuídas pelos elementos do sítio e que também alimentam os auto-falantes colocados em frente da arquibancada feita em elevação no terreno na extremidade da praça e em frente à igreja.

Outro marco edificado é composto pelos remanescentes do muro da quinta, construídos na época das missões no espaço posterior do povoado, destinado ao ensino das técnicas agrícolas e de aclimação das espécies vegetais exóticas. Importante referir a recuperação de mata secundária nas laterais leste e oeste do muro da quinta, beneficiada com o plantio intencional de mudas de árvores nativas e que serve hoje como zona tampão de amortecimento do impacto visual e sonoro da cidade que cresce ao lado do parque.

Ainda se devem referir como marcos edificadas as construções existentes na porção sudeste do parque, incluindo: a) um galpão de obras e de armazenagem de equipamentos (com garagem para os veículos do IPHAN); b) outro módulo composto por banheiros e tanques; c) Casa antiga feita por brasileiros usando as pedras das ruínas; d) prédio de estrutura de madeira que serve como casa de passagem aos Mbyá; e, e) módulo de banheiros e de tanque para uso dos Mbyá, ao lado da casa de passagem.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--
--	----	----	----	----	------------	----

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

O Parque Arqueológico de São Miguel é objeto de administração federal, através de equipe técnica de funcionários contratados para efetuar seu agenciamento enquanto área de proteção e de recepção ao público de visitantes. Todos os dias úteis, a equipe de operários realiza as tarefas no sítio, incluindo limpeza da vegetação, manutenção na consolidação das estruturas e eventuais intervenções na restauração de partes dos maciços arquitetônicos. Nos intervalos de trabalho, estes operários descansam no prédio que funciona como galpão de obras no fundo da quinta. Todos eles são moradores de São Miguel e convivem com todos os demais protagonistas que por ali circulam, conhecedores em detalhe das características dos elementos que compõe o sítio. De forma similar, a segurança é executada por vigias particulares, empregados de uma empresa de vigilância que foi contratada para trabalhar no guarda do referido Parque. Há também uma equipe de faxineiros, contratada para a limpeza das dependências do prédio da portaria, do alpendre e das salas de administração/cozinha/banheiro e de exposição do Museu das Missões, incluindo a remoção de pó das estatuas missioneiras expostas aos visitantes. Há, por fim, uma equipe de técnicos contratados para exercer cargos de direção, secretaria, portaria, planejamento e supervisão de execução de projetos de intervenção. Recentemente foi incorporado uma arquiteta à equipe local, que já contava com uma historiadora e arquitetos, além do constante rodízio de estagiários.

O Sítio é administrado por toda esta equipe e periodicamente é palco de reuniões técnicas aproveitando a passagem de especialistas em diversas ciências que visitam a região, seja por acaso, seja participando de eventos organizados pela direção do Museu e pelo IPHAN, pela prefeitura municipal ou pelo Governo do Estado etc. Nestas oportunidades, se fazem comemorações vespertinas ao final das seções de trabalho, confraternizando os participantes que observam o pôr de sol e esperam o início do espetáculo de Som e Luz, que ocorre todas as noites. A grande quantidade de pessoas envolvidas na administração dos elementos que estão agregados sobre o Sítio arqueológico e arquitetônico demonstra a complexidade de tratar de todos os modos de agenciamento, ainda mais quando se considera que a isso se somam as dezenas ou centenas de visitantes que circulam pelo espaço agenciado pelo Governo Federal, cada um deles fazendo seu próprio "agenciamento" do espaço protegido, temas que precisam ser pesquisados em maior detalhe.

Do ponto de vista deste Inventário, importante fixar os efeitos gerados pela administração e pela visita no Sítio desde a perspectiva "comunidade *Mbyá*", que ocupa e agencia os espaços de maneira própria e que interage com os diferentes públicos e especialistas que circulam entre eles. São Miguel tem sido palco da ocupação *Mbyá* desde meados da década de 1990, quando estes indígenas passaram a circular pelos remanescentes da antiga missão e foram aceitos dentro da área protegida à venda de seu artesanato.

Hoje os *Mbyá* agenciam o alpendre do Museu como espaço de convívio e lazer, enquanto esperam a chegada dos visitantes (os ônibus de turismo são vistos à distância). Em dias de sol, eles ficam no gramado a norte do Museu, as crianças rolando e correndo em jogos lúdicos. Os adultos *Mbyá* se preparam para o contato com o turista, fazendo o asseio pessoal e vestindo roupas e calçados bem limpos. As mulheres vestem saias rendadas e também vestem as crianças com roupas limpas, embora as roupas não perdurem nos corpos destas em dias de calor. No alpendre do Museu, os *Mbyá* convivem com as rotinas de limpeza, segurança e administração apenas observando e sendo observados. Há diálogos espontâneos com os funcionários e todos os tratam e respeitam muito bem.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES

--

--

--

--

F50

--

O agenciamento *Mbyá* do alpendre do Museu é um bem cultural que precisa ser resguardado, porque é um espaço nobre do seu ponto de vista, conforme os depoimentos que nós colhemos. O principal agenciamento promovido pelos *Mbyá* no sítio é sua forma de ocupação do alpendre do Museu das Missões à espera de visitantes para efetuar a venda de seu artesanato. Os artesões *Mbyá* ficam sentados reunidos em família, enquanto as crianças mais novas ficam brincando a rolar na grama e a correr entre os elementos arquitetônicos expostos junto ao prédio do museu. As peças de artesanato *Mbyá* são expostas diretamente no piso, distribuídas sobre um pedaço de tecido para livrá-las da sujeira do chão. Mulheres e homens permanecem sentados ao lado de suas obras, a espera do interesse gerado por aqueles que chegam.

Enquanto os turistas não chegam, os membros de cada famílias *Mbyá* se revezam no cuidado com seu material exposto, indo e vindo até o bar onde fazem refeições na cidade ou então até a casa de passagem localizada atrás do Sítio. Nos dias de mais intenso calor de verão, os *Mbyá* costumam se abrigar embaixo da copa das grandes árvores que existem em pontos diversos do Parque. A intensa circulação dos *Mbyá* chegou a criar um carreiro em meio à grama, passando pelo vão da tela a leste do prédio do Museu.

Outro antigo agenciamento do Sítio pelos *Mbyá* é o uso de espaço abrigado para pernoitar na cidade, já que é impossível voltar todas as tardes para a *Tekoá Koenju*. Até o ano de 2005, as famílias *Mbyá* ocupavam o interior de antiga casa colonial luso-brasileira em ruínas no canto sudeste da quinta. Depois desta data, os *Mbyá* ganharam uma casa do Governo do Estado, construída ainda mais no canto do parque e ao lado de avenida da cidade, removendo-os da antiga construção que depois foi restaurada. Nesta restauração, foram construídos também mais dois módulos sanitários, um deles destinado aos *Mbyá* (ainda fora de operação). A referida casa de passagem já dispõe também de fiação elétrica, que ainda não foi ligada por falta de acerto a quem deve recair o pagamento da conta mensal.

Por fim, importante referir o agenciamento de diversas partes do sítio para a apresentação do coral de canto e dança dos *Mbyá* da *Tekoá Koenju*, motivo de júbilo aos visitantes que a presenciam.

5. FORMAÇÃO DO LUGAR

5.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

A *Reducción de San Miguel Arcanjel* tornou-se a sede do povoado fundado pelos jesuítas, local de residência de mais de seis mil Guarani nas primeiras décadas do século XVIII. A próspera vida do povoado estava fundamentada no aproveitamento econômico dos recursos naturais, do gado, da erva mate e da proliferação de pomares e de lavouras necessárias ao sustento alimentar. A dedicação construtiva dos missionários é demonstrada pelos remanescentes arqueológicos, arquitetônicos e artísticos transformados em Patrimônio Nacional.

Os dados detalhados sobre a história de São Miguel já foram descritos e analisados na ficha de Localidade. Considerando a transformação de São Miguel em Parque Arqueológico, seu caráter de espaço de visitação e de reconhecimento em torno ao “trabalho Guarani” e ao “legado missionário” criou condições de aceitação à presença dos *Mbyá* dentro da área protegida. Aos poucos, os *Mbyá* tornaram-se outra atração turística do Parque, do que se aproveitam para mostrar seu artesanato.

5.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

No início desta etapa do trabalho fomos a São Miguel, três antropólogos: Jose Otavio Catafesto, Daniele Pires, Carlos de Moraes e eu, antropólogo *Mbyá*, José Cirilo Pires Morinico para organizar o começo das atividades junto aos *Mbyá* da *Tekoá Koenju*. Dormimos naquela noite, dia dezesseis de agosto de 2005, na Pousada das Missões, pois ainda não tínhamos alugado a casa que depois serviu de escritório-residência durante o ano de trabalho.

Desde os 12 anos tinha curiosidade a respeito do que havia acontecido em São Miguel com os Guarani no tempo dos jesuítas. Mas eu queria saber a verdade, o que realmente havia acontecido ali, como era a vida, o sofrimento do povo Guarani. Não queria ouvir a história contada nos livros. Passei a estudar em busca de uma resposta. Naquela noite, em São Miguel, depois de ter circulado pelas Ruínas e assistido ao Show de Som e Luz - que me chocou muito, não contive as lágrimas pensando no porque de somente os brancos estarem contando a História de Sepé e do povo Guarani - fui dormir com estas imagens na cabeça. Primeiramente, avistei somente um morro. Forçando o olhar vi a pessoa Guarani mesmo, vestindo apenas *tambeó* (tanga), eu queria apertar na mão dele. Ele falou: sou Sepé e eu to vivo! Havia muitas pedras na subida do morro onde ele estava. Além das pedras a terra era muito escorregadia e ninguém pode tocar nele.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--
--	----	----	----	----	------------	----

Os mais velhos Karaí já tinham dito que Sepé não estava morto, mas eu não acreditei. Quando sonhei acreditei na palavra dos mais velhos, inclusive da minha mãe.

Este trabalho surgiu com a orientação do Sepé, com a verdade. E que mesmo com as dificuldades encontradas no caminho, conseguimos avançar, passando por estas dificuldades e fazendo um bom trabalho, inclusive, realizando o *Nhemongaraí*.

5.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
DATA	Descrição
1925-27	São Miguel é reconhecido enquanto patrimônio do estado. Iniciaram-se os trabalhos de limpeza da vegetação e de conservação através da Diretoria de Terras, ligada à Secretaria do Estado e Obras Públicas.
1938	São Miguel é tombado enquanto Patrimônio Nacional
1945-1955	Realização Obras de conservação das estruturas arquitetônicas através do DPHAN
1955	Construção do prédio do Museu das Missões
1967-1970	Obras de conservação da ruína e restauro do telhado da Sacristia Velha
1974	Montagem do Espetáculo de Som e Luz

6. ATUAIS

6.1. USOS COTIDIANOS

O Parque Arqueológico de São Miguel é objeto de administração federal, através de equipe técnica de funcionários contratados para efetuar seu agenciamento enquanto área de proteção e de recepção ao público de visitantes. Todos os dias úteis, a equipe de operários realiza as tarefas no sítio, incluindo limpeza da vegetação, manutenção na consolidação das estruturas e eventuais intervenções na restauração de partes dos muros arquitetônicos. Nos intervalos de trabalho, estes operários descansam no prédio que funciona como galpão de obras no fundo da quinta. Todos eles são moradores de São Miguel e convivem com todos os demais protagonistas que por ali circulam, conhecedores em detalhe das características dos elementos que compõe o sítio. De forma similar, a segurança é executada por vigias particulares, empregados de uma empresa de vigilância que foi contratada para trabalhar no guarda do referido Parque. Há também uma equipe de faxineiros, contratada para a limpeza das dependências do prédio da portaria, do alpendre e das salas de administração/cozinha/banheiro e de exposição do Museu das Missões, incluindo a remoção de pó das estatuas missioneiras expostas aos visitantes. Há, por fim, uma equipe de técnicos contratados para exercer cargos de direção, secretaria, portaria, planejamento e supervisão de execução de projetos de intervenção. Recentemente foi incorporado um arquiteto à equipe local, que já contava com um historiador e arquitetos, além do constante rodízio de estagiários.

O Sítio é administrado por toda esta equipe e periodicamente é palco de reuniões técnicas aproveitando a passagem de especialistas em diversas ciências que visitam a região, seja por acaso, seja participando de eventos organizados pela direção do Museu e pelo IPHAN, pela prefeitura municipal ou pelo Governo do Estado etc. Nestas oportunidades, se fazem comemorações vespertinas ao final das seções de trabalho, confraternizando os participantes que observam o pôr de sol e esperam o início do espetáculo de Som e Luz, que ocorre todas as noites. A grande quantidade de pessoas envolvidas na administração dos elementos que estão agregados sobre o Sítio arqueológico e arquitetônico demonstra a complexidade de tratar de todos os modos de agenciamento, ainda mais quando se considera que a isso se somam as dezenas ou centenas de visitantes que circulam pelo espaço agenciado pelo Governo Federal, cada um deles fazendo seu próprio "agenciamento" do espaço protegido, temas que precisam ser pesquisados em maior detalhe.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--
--	----	----	----	----	------------	----

Do ponto de vista deste Inventário, importante fixar os efeitos gerados pela administração e pela visitação no Sítio desde a perspectiva “comunidade *Mbyá*”, que ocupa e agencia os espaços de maneira própria e que interage com os diferentes públicos e especialistas que circulam entre eles. São Miguel tem sido palco da ocupação *Mbyá* desde meados da década de 1990, quando estes indígenas passaram a circular pelos remanescentes da antiga missão e foram aceitos dentro da área protegida à venda de seu artesanato.

Hoje os *Mbyá* agenciam o alpendre do Museu como espaço de convívio e lazer, enquanto esperam a chegada dos visitantes (os ônibus de turismo são vistos à distância). Em dias de sol, eles ficam no gramado a norte do Museu, as crianças rolando e correndo em jogos lúdicos. Os adultos *Mbyá* se preparam para o contato com o turista, fazendo o asseio pessoal e vestindo roupas e calçados bem limpos. As mulheres vestem saias rendadas e também vestem as crianças com roupas limpas, embora as roupas não perdurem nos corpos destas em dias de calor. No alpendre do Museu, os *Mbyá* convive com as rotinas de limpeza, segurança e administração apenas observando e sendo observados. Há diálogos espontâneos com os funcionários e todos os tratam e respeitam muito bem.

O agenciamento *Mbyá* do alpendre do Museu é um bem cultural que precisa ser resguardado, porque é um espaço nobre do seu ponto de vista, conforme os depoimentos que nós colhemos. O principal agenciamento promovido pelos *Mbyá* no sítio é sua forma de ocupação do alpendre do Museu das Missões à espera de visitantes para efetuar a venda de seu artesanato. Os artesões *Mbyá* ficam sentados reunidos em família, enquanto as crianças mais novas ficam brincando a rolar na grama e a correr entre os elementos arquitetônicos expostos junto ao prédio do museu. As peças de artesanato *Mbyá* são expostas diretamente no piso, distribuídas sobre um pedaço de tecido para livra-las da sujeira do chão. Mulheres e homens permanecem sentados ao lado de suas obras, a espera do interesse gerado por aqueles que chegam.

Enquanto os turistas não chegam, os membros de cada famílias *Mbyá* se revezam no cuidado com seu material exposto, indo e vindo até o bar onde fazem refeições na cidade ou então até a casa de passagem localizada atrás do Sítio. Nos dias de mais intenso calor de verão, os *Mbyá* costumam se abrigar embaixo da copa das grandes árvores que existem em pontos diversos do Parque. A intensa circulação dos *Mbyá* chegou a criar um carreiro em meio à grama, passando pelo vão da tela a leste do prédio do Museu.

Outro antigo agenciamento do Sítio pelos *Mbyá* é o uso de espaço abrigado para pernoitar na cidade, já que é impossível voltar todas as tardes para a *Tekoá Koenju*. Até o ano de 2005, as famílias *Mbyá* ocupavam o interior de antiga casa colonial luso-brasileira em ruínas no canto sudeste da quinta. Depois desta data, os *Mbyá* ganharam uma casa do Governo do Estado, construída ainda mais no canto do parque e ao lado de avenida da cidade, removendo-os da antiga construção que depois foi restaurada. Nesta restauração, foram construídos também mais dois módulos sanitários, um deles destinado aos *Mbyá* (ainda fora de operação). A referida casa de passagem já dispõe também de fiação elétrica, que ainda não foi ligada por falta de acerto a quem deve recair o pagamento da conta mensal.

6.2. USOS CERIMONIAIS

Ocorre o agenciamento de diversas partes do sítio para as apresentações do coral de canto e dança mantido pelos *Mbyá* da *Tekoá Koenju*, motivo de júbilo aos visitantes que as presenciam.

São apresentações realizadas a pedido de instituições públicas e privadas, geralmente acompanhando eventos científicos, técnicos e políticos, ou prestigiando eventos e datas importantes festejadas na cidade.

As apresentações ocorrem geralmente dentro da sacristia velha, em frente da igreja ou junto ao prédio do Museu. Os *Mbyá* chegam vestidos de uniforme, as meninas de saia e os meninos com calças sem camisa, tendo suas faces e peito pintados com símbolos e carregando colares e pulseiras feitas de sementes e miçangas.

Há também três ou quatro músicos, tocando Guitarra (violão de cinco cordas), rabeca e às vezes surdo e pandeiro. As cantorias são regidas pelo cacique Floriano Romeu, que puxa o coro acompanhado por passos cadenciados, distinto para meninos e para meninas.

Outra cerimônia importante realizada dentro do sítio é o fogo de chão mantido pelos *Mbyá* em seu acampamento na casa de passagem, fazendo reproduzir ali o centro da comensalidade da vida *Mbyá*, daqueles que estão afastados da aldeia para obter recursos ou fazer uso dos recursos institucionais disponibilizados na cidade de São Miguel.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--
--	----	----	----	----	------------	----

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO					
Tawa	Anexo de bens culturais: A3.1 nº 01 Ficha de Identificação de bens:					
	RS	01	01	06	F30	01
Coral Jerojy	Anexo de bens culturais: A3.1 nº 02 Ficha de Identificação de bens:					
	RS	01	01	06	F40	01
Artesanato	Anexo de bens culturais: A3.1 nº 06 Ficha de Identificação de bens:					
	RS	01	01	06	F60	01

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Mapa12 – Parque Arqueológico Mapa13 - Museu das Missões
--

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
CD de artigos apresentados no Programa para Gestão e Desenvolvimento Sustentável das Missões Jesuíticas dos Guaraní, 2003 AVÉ-LALLEMANT, Robert 1980 - <i>Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)</i>. Belo Horizonte:Ed. Itatiaia / São Paulo: EDUSP. CLASTRES, Hélène. 1978 - <i>Terra sem Mal: o profetismo Tupi-Guarani</i>. São Paulo: Brasiliense. DOMINGUES, Moacir 1981 - "A conquista das Missões: um enigma histórico". <i>Anais do I Simpósio Nacional de Estudos KERN</i>, Arno Alvarez 1982 - <i>Missões uma utopia política</i>. Porto Alegre: Mercado Aberto. Missioneiros. Santa Rosa: Faculdade Dom Bosco, pp. 61-74. GUTIERREZ, Ramon 1987 – <i>As Missões Jesuíticas dos Guaranis</i> (bilingue). Rio de Janeiro: UNESCO-SPHAN/FNPM. MELIÁ, Bartomeu S.J. 1984 - <i>O índio no Rio grande do Sul</i>. Frederico Westphalen: Coordenação de Pastoral Indígena. 1986 - <i>El Guaraní conquistado e reducido</i>. Asunción: Assunção: CEADUC, Universidad Católica N.S. de la Asunción.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--
--	----	----	----	----	------------	----

MÖRNER, Magnus 1985 - <i>Actividades políticas y economicas de los jesuitas en el Rio de la Plata</i>. Buenos Aires: Hyspanamérica. NEUMANN, Eduardo 1996 - <i>O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata colonial, 1640-1750</i>. Porto Alegre: Martins Livreiro. PORTO, Aurélio. 1954a - <i>História das Missões Orientais do Uruguai</i>. Vol.1.Porto Alegre:Selbach, v. III e IV. 1954b - <i>História das Missões Orientais do Uruguai</i>. Vol.2.Porto Alegre:Selbach, v. III e IV. RAMBO, Pe. Balduino SJ. 1947 - "Os índios do Rio Grande do Sul Moderno". <i>Província de São Pedro</i>. Porto Alegre, n. 10:81-88. RUSCHEL, Ruy Ruben -s/d - <i>Presença platina na formação de Torres</i>. Comunicação no Encontro e História e Geografia do Prata (mimeografado). 1994 - "O direito de propriedade dos índios missioneiros". <i>Veritas</i>. Porto Alegre: PUC, v.39, número 153, p.103-116. SAINT-HILAIRE, Auguste de 1987 - <i>Viagem ao Rio Grande do Sul</i>. Porto Alegre: ERUS. SANTOS, Júlio R. Quevedo (org.) 1989 - "As missões jesuítico-guaranis nas crônicas dos primeiros conquistadores luso-brasileiros do Rio Grande do Sul". In: <i>Estudos ibero-americanos</i>. Porto Alegre:PUCRS, v.XV, n.1, p. 271-284. SCHMITZ, Pedro Ignácio 1979 - "O Guarani no Rio Grande do Sul: a colonização de mato e as frentes de expansão". <i>Anais dos III Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros</i>. Santa Rosa:Faculdade Dom Bosco, p.55-74. VENZON, Rodrigo A. 1991a - "Os Guarani Missioneiro: incorporação e sobrevivência". In: <i>Terra Indígena do RS</i>. Porto Alegre, mimeografado.

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
Anexo 2: Registros audiovisuais Vídeo: Fita 01 – Coral <i>Jerojy</i> Guarani URI e AFUSAM; desfile 7 de setembro Vídeo: Fita 05 - Seminário "Um olhar para as comunidades Guarani" nov/ dez 2004 – Palestra Meliá Vídeo: Fita 06 - Casa de passagem no Sítio Arqueológico; aldeia (artesanato) Vídeo: Fita 07 - Apresentação Coral no Sítio Arqueológico e venda de artesanato

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
148, 149, 150, 151, 154, 155, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--
--	----	----	----	----	------------	----

10. OBSERVAÇÕES

10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
Necessário aprofundar os laços de ligação entre os <i>Mbyá</i> e o Patrimônio existente dentro do Sítio de São Miguel.

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Demais bens mencionados nesta ficha já possuem processo próprio de registro e tombamento através do Museu das Missões

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Sem Referência

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Não foram utilizados questionários e os dados foram obtidos pela metodologia de pesquisa baseada na observação participante – técnica antropológica de coleta de informações – e conversas informais no convívio com os <i>Mbyá-guarani</i> , além da pesquisa bibliográfica.		
PESQUISADOR(ES)	Carlos Eduardo de Moraes, Daniele de Menezes Pires, José Otávio Catafesto		
SUPERVISOR	José Otávio Catafesto de Souza		
REDATOR	José Otávio Catafesto de Souza		DATA 11/09/2006
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Beatriz Muniz Freire		